



# O

# TREVO

Difusão do Espiritismo Filosófico  
Órgão da  
ALIANÇA ESPIRITA EVANGÉLICA  
FRATERNIDADE DOS DISCÍPULOS DE JESUS

ANO XI

São Paulo, fevereiro de 1984

N.º 120

## A IMPORTÂNCIA DA CADERNETA PESSOAL

No dia 21 de janeiro, em São Paulo, reuniram-se dirigentes de Escolas de Aprendizes do Evangelho de numerosos grupos integrados à Aliança, para discussão

da caderneta deve apenas cingir-se ao uso que o aluno está fazendo da caderneta, nunca devendo entrar na intimidade das anotações; isto é, deve ser ana-

ra esclarecer eventuais dúvidas sobre seu uso correto. O aluno deve saber, logo na implantação, que a caderneta será recolhida periodicamente e que será analisada pelo Plano Espiritual em todo término de ano da Escola de Aprendizes, bem como para ingresso do servidor na FDJ-Fraternidade dos Discípulos de Jesus.

### A ESCOLA DE APRENDIZES

A caderneta pessoal está inserida num contexto muito mais abrangente, que é a Escola de Aprendizes do Evangelho e a própria Fraternidade dos Discípulos de Jesus. Por isso, a reunião do dia 21 foi dividida em quatro segmentos: a) definição de Escola de Aprendizes do Evangelho; b) conceituação de FDJ; c) a caderneta pessoal; d) medidas práticas para controle do uso da caderneta.

O companheiro Jacques, ao início, recordou as origens da Escola de Aprendizes, implantada pelo com. Edgard Armond a partir de 1950 na Federação Espírita do Estado de São Paulo, com a primeira aula sendo ministrada por Vinicius (Pedro Camargo). "A Escola — afirmou o companheiro — reúne Evangelho e Doutrina Espírita, fornece elementos vitalizantes para a mente e, muito mais, para os sentimentos, preparando homens evangelizados. Em termos de planeta Terra não existe nada semelhante, para ajudar a criatura a espiritualizar-se trabalhando na Seara de Jesus", asseverou. Mais adiante observou:

"Com a Escola de Aprendizes desaparece o freqüentador e aparece o trabalhador do centro espírita. Pois, ainda é muito co-



Dirigentes estudam formas para dinamização do uso da caderneta pessoal.

de um tema fundamental: relembrar a importância da caderneta pessoal como instrumento indispensável na luta pela reforma íntima do aluno da Escola.

Todos os presentes tiveram oportunidade de manifestar-se livremente, com vistas a clarificar o assunto e lançar idéias que possam ser adotadas a fim de informar e conscientizar o aluno acerca do bom uso da caderneta. Ao final, três pontos foram aprovados e passam, agora, a integrar-se ao programa da Escola:

1. O dirigente deve recolher as cadernetas a cada 90 dias, para uma rápida análise, aproveitando para colocar ou transcrever uma mensagem evangélica. A análise que o dirigente fará

lisado simplesmente se o aluno está fazendo lançamentos com vistas ao seu campo interior. Fica claro que a caderneta é de uso obrigatório na Escola de Aprendizes.

2. O dirigente da turma deve, também, fazer sua própria caderneta pessoal. Aliás, sendo um Discípulo, o dirigente deve tão-somente dar continuidade às anotações que já vinha fazendo na sua caderneta.

3. Embora implantada na 3.ª aula de complementação, a caderneta e seus efeitos benéficos já devem começar a ser comentadas para os alunos desde as primeiras aulas da Escola. É importante que, ao apresentá-la à turma, o dirigente seja claro e manter-se sempre disponível pa-

mum encontrarmos, no centro, o usuário da Doutrina, o freqüentador e o curioso — todos estacionados nessa classificação estanque. Com a Escola, implanta-se uma nova dinâmica e o necessitado, em prazo muito curto, transforma-se em servidor”.

“Os nossos dirigentes e alunos precisam saber que a Escola é algo muito sério; não é passatempo nem momento de festa para encontrar com colegas. Tampouco é um curso acadêmico; é uma iniciação espiritual em termos espíritas” — complementou o companheiro Jacques.

### A FDJ

Sobre a Fraternidade dos Discípulos de Jesus foi lembrado que sua origem está no drama do Calvário há quase 2.000 anos. Um espírito de tradições orientais — Razin — estava presente à crucificação e, chocado com aquilo que os homens fizeram ao Governador Espiritual do planeta, comprometeu-se a trabalhar pelo Cristianismo até que ele fosse uma realidade na Terra. Ali mesmo arregimentou alguns companheiros e deu início à Fraternidade do Trevo.

Em 1950, quando começava na Federação a Escola de Aprendizes do Evangelho, Razin identificou os objetivos dessa Escola com os ideais da Fraternidade do Trevo. E, assim, essa Fraternidade, por determinação de Razin, abriu um departamento que permite o acesso de encarnados. A este departamento deu-se o nome de FDJ-Fraternidade dos Discípulos de Jesus.

É preciso que o servidor, ao ingressar na FDJ, tenha em mente que já é um indivíduo liberto das servidões da Escola, tendo



Cada qual expõe seu ponto de vista sobre a importância da caderneta.

liberdade e responsabilidade de trabalhar pela vivência do Evangelho. O discípulo não pode ser um usuário da FDJ; deve ser um participante ativo, trabalhando na seara do mundo.

### A CADERNETA PESSOAL

Apresentado, assim, o amplo cenário de apoio à transformação espiritual do ser humano, passou-se a um de seus instrumentos: a caderneta pessoal.

A caderneta é uma espécie de “diário de bordo” do aluno, indicando os pontos escuros do seu íntimo que precisam ser iluminados pela prática de virtudes opostas aos defeitos. É um instrumento imprescindível, hoje recomendada até pela moderna psicologia para clarificação dos sentimentos humanos.

É importante que o dirigente da turma tenha sentido em si os efeitos da caderneta, e, portanto, a aceite plenamente, para poder transmitir essa convicção aos alunos. Importante também o dirigente, ao analisar a caderneta, não se imiscuir na intimidade dos assuntos relatados. A análise deve ser feita apenas para saber se o aluno está usando a caderneta de forma devida.

Há os testes (que, na forma, sofrerão algumas pequenas alterações) que são distribuídos periodicamente, para que o aluno possa fazer uma espécie de auto-avaliação.

E se o aluno recusar-se a fazer a caderneta? Não pode prosseguir na Escola, fica apenas como ouvinte, freqüentando tão-somente o primeiro ano. Pois, sendo a caderneta um instrumento do programa da Escola, deve ser utilizada e, admitamos, seu uso correto nos incomoda porque através dela estamos nos vendo por dentro e nos forçando a uma modificação para melhor. “Quando a caderneta incomoda, é porque está produzindo resultados”, diz Jacques.

Antes de se chegar às três recomendações que abrem esta matéria, os presentes puderam ouvir uma gravação em vídeo-tape, feita no dia 24 de março de 1976 com o com. Armond, na qual ele aborda a caderneta pessoal. Por sua importância, transcrevemos na íntegra os esclarecimentos do comandante:

“Já dei muitas explicações sobre Caderneta Pessoal. Já respondi a muitas perguntas a respeito de Caderneta Pessoal. Notei que essas indagações versam quase sempre sobre as mesmas coisas.

“Mesmo as pessoas que inicialmente fazem objeções são pessoas que poderão vir a aceitar a utilização da Caderneta Pessoal. Caso contrário, quando persistem em não aceitá-la é porque não compreenderam a finalidade da Caderneta Pessoal, ou, então, se ressentem de algum ideal e são ainda incapazes de entrega.

“Entrega, aqui, numa conceituação de idealismo bem posto. A entrega, nesta concepção é característica do indivíduo que está apto a se evangelizar. Entrega quer dizer que confia e se entrega em confiança, é um comprometimento sem restrições a Jesus Cristo.

“Ora, quem recusa a entregar-se jamais se evangeliza. Quanto à Caderneta Pessoal esta afirmação é justa.

“A Caderneta Pessoal não representa nenhum aparelho de confissão condenável. Ela é tão somente um registro de coisas que ocorrem na intimidade, na mente, do aprendiz enquanto ele labuta e se esforça na sua evangelização.

“É um documento de registro da sua autopreparação, das suas reações observadas enlevadamente por ele mesmo.

“Por ocasião da organização das Escolas de Aprendizes do Evangelho, este foi um dos pontos que mais me preocupou. A indagação era esta: De que maneira nós vamos poder auxiliar o controle daquilo que se está passando na intimidade de cada aprendiz, durante sua transformação evangélica? E o que nos ocorreu foi essa Caderneta Pessoal.

“Ela é o símbolo do que era usado no tempo de Jesus Cristo pela Fraternidade Essência e foi muito apropriadamente utilizada para a Escola de Aprendizes do Evangelho no século XX, aqui em São Paulo, na Federação Espírita do Estado de São Paulo, em 1950, por que ela satisfaz plenamente a essa finalidade.

“Ela visa, de uma parte, a registrar tudo aquilo que ocorre

na intimidade do próprio aprendiz, na medida em que ele vai se melhorando, avançando, ao mesmo tempo, vai se estimulando a si mesmo através da Caderneta Pessoal, vai tendo pontos de referência, documentando todo o progresso que se processa nele mesmo.

"É só isso a Caderneta Pessoal, não há outra significação que não seja essa.

"Também vai servir para a administração da Escola de Aprendizes do Evangelho tenha amparo documental e possa formar firme conceito a respeito do seu próprio trabalho quanto às aulas, aproveitamento e da preparação dos Discípulos de Jesus que é o que temos em vista.

"É só isso."

## A RESPONSABILIDADE DO CENTRO

Valentim Lorenzetti

— "É verdade que a Aliança obrigou o centro a mudar o dia de assistência espiritual?"

Esta pergunta foi-nos dirigida, há dias, por afluente companheiro, colaborador de um centro espírita de nossa capital, preocupado com a mudança processada pela direção do núcleo a que dedica sua cooperação. Parece que o dirigente que liderou a mudança (que deve ter suas razões lógicas) talvez para evitar maiores explicações aos trabalhadores, resolveu sair pelo lado mais desastroso: "vamos mudar porque foi ordem da Aliança".

Contudo, todas as coisas acontecem para nos facultar lições positivas. Esse fato despertou-nos a necessidade de um alerta a todos os dirigentes de grupos integrados ao programa da Aliança. E esse alerta, em essência, é o seguinte:

A Aliança não manda, não impõe, não fiscaliza, não patrulha os centros. A Aliança em si não é uma entidade tradicional; é um programa dinâmico sustentado e enriquecido pela experiência consagrada dos centros que a integram. Aquilo que usualmente chamam de "Aliança" (o prédio da rua Genebra, 168, em São Paulo) é apenas a secretaria desse programa. Anexo a esse prédio funciona o Centro Espírita Aprendizes do Evangelho, que

possui diretoria própria, de cujos trabalhos participam alguns diretores da Aliança.

Quem coordena as atividades em qualquer centro espírita integrado à Aliança é a direção do centro, nunca a direção da Aliança; esta trabalha para difundir e manter coerente o programa, atendendo as reivindicações dos grupos integrados. Se o centro integra-se livremente ao programa da Aliança, cumpre à sua direção segui-lo; assim como é lícito a ela desistir de aplicá-lo.

Cada centro espírita deve ter direção capaz de lhe traçar os rumos à luz da Doutrina codificada por Kardec. Impor regras à

direção do centro é criar dependências negativas, é "igrejificar" o movimento espírita. É justo e fraterno que, se formos solicitados pela direção a dar nossa opinião sobre este ou aquele trabalho, o façamos sem afetação e com profundo espírito de cooperação.

Contudo, em âmbito de Aliança mesmo esse tipo de solicitação a nível particular quase não tem ocorrido. Isto porque nas reuniões de estudo e confraternização todas as dúvidas são expostas e, cada centro, com experiência e conhecimento, vai oferecendo sua contribuição para o crescimento do todo.

## Evangelização em Praça Pública

Um trabalho dos mais importantes no campo da divulgação doutrinária está sendo desenvolvido pelos nosso companheiros do CEAE de Porto Alegre, auxiliados por elementos do CVV local: apresentação de histórias para crianças através de teatro de fantoche em praças públicas.

Segundo nos informam os irmãos gaúchos, o trabalho vai indo bem, com a participação alegre de muitas crianças e adultos. Trata-se de uma atividade que merece ser copiada por todos os centros espíritas, e, para tanto, o CEAE de Porto Alegre (rua Barão do Amazonas, 113 — CEP 90000, bairro de Petrópolis), pode ser contactado para maiores detalhes.

A seguir, apresentamos uma das histórias encenadas em praça pública.

### "REMÉDIO IMPREVISTO"

(Conto de Neio Lúcio, extraído do livro "Alvorada Cristã" e adaptado para teatro de fantoches por Marilene — evangelizadora infantil do CEAE de Porto Alegre).

Ciclo: INTERMEDIÁRIO

**Personagens:** rei, rainha, 1.º ministro, o menino Julião e o ancião Josué.

**Cenário 1:** Interior de um salão real: cortinas, trono do rei, etc.

**Cenário 2:** flores, árvores, montanhas, etc.



Crianças e adultos atentos ao teatro em praça pública.

## 1.º Ato — Cenário 1

Narrador: No reino distante de HIPICAMPORÓ alguma coisa vai acontecer para tirar o lonnnngoo sossego de seu soberano... Numa certa manhã, a rainha, muito aflita, foi procurar o rei.

Rainha: Rei, meu marido, estou muitíssimo preocupada.

Rei: Ora, ora. Tens alguma coisa para se preocupar, querida? Pensei que os servos fizessem tudo para ti.

Rainha: Não, não é isso. Acontece que o nosso filho, o príncipe Julião, há dias anda muito doente.

Rei: Julião doente? Oh, Céus! O que ele tem?

Rainha: Ele está abatido e não quer comer. O pobrezinho já não tem mais ânimo. Vive tristonho e calado no quarto, esparramado numa espreguiçadeira. Não quer brincar, nem estudar... perdeu o gosto por tudo.

Rei: Querida, vá chamar o 1.º ministro.

(A RAINHA SAI E ENTRA O 1.º MINISTRO, FAZENDO CERIMONIOSA REVERÊNCIA)

1.º Min.: Ilustríssimo e amadíssimo rei absoluto de HIPICAMPORÓ. O que desejas deste humilde e estúpido servo?

Rei: 1.º ministro, aconteceu algo desastroso e tremendo.

1.º Min.: Mas como excelência? Faz tanto tempo que nada de novo acontece para atrapalhar o nosso descanso. O que houve?

Rei: Julião está doente.

1.º Min.: Oh! Precisamos tomar providências excelência!

Rei: Sim, sim. O que sugeres?

1.º Min.: Ilustríssimo rei, devemos... devemos... chamar um médico.

## 2.º Ato — Cenário 1

Rainha: Querido marido, meu pobre coração está triste e amargurado, pois mesmo passado um mês o nosso Julião permanece na cama, sem coragem de levantar.

Rei: Mas rainha, os mais famosos médicos do reino foram chamados para descobrir o mal do nosso filhinho.

Rainha: ...E todos deram diferentes remédios e nada adiantou: o pobrezinho vive com cansaço e desânimo.



Além do teatro de fantoches, os evangelizadores motivam a criançada a participar ativamente.

(O 1.º MINISTRO ENTRA EM CENA FAZENDO REVERÊNCIAS)

1.º Min.: Com a permissão de minha soberaníssima e bela rainha e do meu soberaníssimo e amado rei...

Rei: Sim, sim. Fale logo

1.º Min.: Amado e justo rei, apareceu no reino um estranho velhinho, de longas barbas brancas e olhar bondoso, que talvez possa curar o nosso querido príncipe.

Rei: Como um simples e pobre velho pode fazer aquilo que os mais famosos médicos não conseguiram?

Rainha: Por favor, querido rei. Os velhos são sempre tão experientes e sábios que não custa tentar.

Rei: Está bem, querida, farei tua vontade. 1.º ministro, vá chamá-lo.

1.º Min.: Vou correndo, meu soberano.

Rainha: Vou buscar o Julião.

(O REI COMEÇA A RESMUNGAR, ANDANDO DE UM LADO PARA OUTRO)

Josué: Com a sua permissão, majestade...

Rei: Quer dizer então que achas que podes curar o meu filho? Bem, não custa tentar. Quanto queres? Darei o que pedires se ele ficar curado.

Josué: Majestade, a minha recompensa está na alegria de poder ajudar.

Rei: O quê? Não queres nada?

Josué: Não, majestade. Gostaria apenas de ter total liberdade para lidar com o príncipezinho.

Rei: Está certo, bom velho. Tens permissão para agires como quiser. Vou deixá-lo a sós com o meu filho.

## (JULIÃO ENTRA

DEMONSTRANDO DESÂNIMO)

Josué: Bom dia, pequena alteza.

Julião: Bom dia? Só se for para você, pois eu estou cansado e não vejo nada de bom.

Josué: Ummm... Este desânimo vai logo passar. Amanhã vou te levar para passar uns dias no rancho que fica lá atrás das montanhas.

Julião: Num rancho??? Pu-xa!!! Eu sempre quis ir até lá.

Josué: (RINDO) Pois então prepare-se que amanhã começaremos uma vida nova.

## 3.º Ato — Cenário 2

Julião: Puxa Josué, que lugar lindo, maravilhoso, é este aqui.

Josué: Agora, ajude-me a arrancar alguns capins para darmos às cabras.

Julião: Oh, mas eu não posso, Josué. Estou com dor nas costas, nos braços, na orelha...

Josué: Dor na orelha??? Bem, se estás tão doente assim não poderás ir comigo dar de comer às cabras...

Julião: Ummm... Acho que farei um esforço.

(Arrancam capim cantarolando: TRABA-TRA-BALHANDO CADA CADA DI-A SA-TIS-FEITOS E COM ALEGRI-A)

Josué: Podemos parar, Julião. Já apanhamos bastante pasto. Estás muito cansado?

Julião: Não... Só um poquinho. Vamos logo, Josué, vamos dar de comer às cabras!!!

(SAEM CANTANDO A MESMA MUSIQUINHA — AOS POUÇOS AS VOZES VÃO SUMINDO. ESCURECE E APARECE A LUA. RETORNAM CANTANDO AS VOZES

AUMENTANDO DE VOLUME NA MEDIDA QUE OS PERSONAGENS ENTRAM NO PALCO)

Julião: Puxa, como foi divertido cuidar dos animais!

Josué: (RINDO) Sabia que irias gostar, príncipezinho. Amanhã levantaremos bem cedo, tomaremos banho na fonte, depois um bom café e por fim nos dedicaremos aos cuidados da horta.

Julião: Legal. Mas, sabe, esta caminhada toda me deu uma fome! Ai que fome que estou! Minha barriguinha tá roncando!

Josué: (RINDO) Eu já tinha previsto isso e preparei uma sopa suculenta para nós dois. Vamos jantar, Julião.

#### 4.º Ato — Cenário 1

**NARRADOR:** E assim se passaram duas semanas. O príncipezinho Julião aprendeu a levantar cedinho, a alimentar-se bem, a realizar pequenas tarefas agradáveis e úteis. Ao entardecer estudava com Josué e brincava com as crianças de sua idade. Para o príncipezinho, estes foram os dias mais felizes de sua vida. Mas agora, ERA A HORA DE VOLTAR PARA CASA!

(ABREM-SE AS CORTINAS E JULIÃO ENTRA EM CASA)

Julião: Papai! Mamãe! Que saudade estava de vocês.

(ABRAÇOS, BEIJOS)

Rei: Meu filho, como estás corado e feliz! Que remédio te deu o bom Josué?

Julião: Olha, papai, ele não me deu remédio nenhum, mas me ensinou um monte de coisas: dei de comer aos animais (é tão divertido!), cuidei das plantas (é tão bom vê-las felizes quando molhamos e afofamos a terra!) e depois a gente merendava e lia debaixo das árvores!

Rainha: Mas você não se cansava com todo esse trabalho?

Julião: Que nada, mamãe. Acho que a minha doença era PREGUIÇA.

Rainha: Venha, querido filho, conte-me tudo como foi...

(SAEM ABRAÇADOS)

Rei: Aproxime-se, meu bom Josué.

Josué: (CURVANDO-SE) Bom dia, soberano. É com grande alegria que hoje lhe devolvo o príncipe.

Rei: Sim, bondoso amigo, tu nos deste uma grande lição. Agora deixe-me recompensá-lo como mereces.

Josué: Soberano, me recompensarás distribuindo a lição do trabalho digno aos teus filhos e súditos. E assim o seu reino será abençoado, forte e feliz.

Rei: Prometo-lhe que de agora em diante vou ensinar a todos o valor do trabalho, e eu mesmo procurarei trabalhar mais pelo meu reino.

Josué: Que JESUS o ilumine, soberano. Agora vou seguir o meu caminho. Há por aí muitas criancinhas que precisam aprender a alegria do trabalho.

Rei: Até um dia, Josué.

F I M

#### Observação:

Querendo apresentar esta peça nos tradicionais três atos, deve-se proceder da seguinte forma:

- a) Omitir o primeiro ato da peça;
- b) No início da apresentação, o narrador deve dizer o seguinte: "No reino distante de HIPICAMPORÓ o pequeno príncipe Julião andava doente e abatido. Já fazia um mês que o rei chamava muitos médicos para curar o menino..."

#### ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

(continuação da última página)

2. Quando o assistido está presente na roda, deve o médium indicar ao dirigente apenas o órgão ou a região afetada e a cor que o plano espiritual está indicando para aplicar. Depois que a pessoa deixa a roda, pode-se aprofundar nos detalhes, para orientação do dirigente na entrevista que fará com o assistido na próxima semana antes do tratamento.
3. Assim como o 3 B deve ter um caderno de anotações em poder do dirigente para lançamento do resultado das entrevistas semanais que deve fazer com o assistido.

#### Observação:

Em qualquer tratamento espiritual, o dirigente encarnado é o responsável pelo bom andamento do trabalho. Deve ele estar muito bem entrosado com o Plano Espiritual e não delegar a direção a nenhum médium.

#### NOVA CASA ESPÍRITA

O Grupo Fraternidade Cristã, do Parque São Domingos, em São Paulo, abriu novo centro espírita, dentro do programa da

Aliança que visa levar o Evangelho para os bairros mais carentes.

A nova casa está localizada na rua Betânia, 66, Monte Alegre, e, segundo nosso irmão Otávio Coutinho, seu dirigente, já está com os seguintes trabalhos: aulas de moral cristã para crianças, palestras evangélicas aos domingos de manhã e Mocidade Espírita, à tarde. As quartas-feiras, assistência espiritual à tarde e às 5.ªs, assistência espiritual à noite. Para o próximo mês de março está previsto curso para gestantes, e o início do Curso Básico de Espiritismo.

#### OS 10 ANOS DE ALIANÇA

Continuam chegando à secretaria as manifestações de júbilo pelos 10 anos da Aliança Espírita Evangélica. Registramos e agradecemos:

Carta da Fraternidade Espírita Ramatis, assinada pelo seu secretário, o confrade Eurípedes Correia da Silva;

Do Centro Espírita Jesus de Nazaré, na pessoa de seu presidente, o companheiro João Ricardo Pedro;

Do Centro Espírita Nosso Lar — Casas André Luiz, amorável carta assinada pelo confrade Natalino D'Olivo, redator responsável pela Revista André Luiz.

O 10.º aniversário foi, também, registrado em inúmeros veículos de divulgação doutrinária, tais como: a Rádio Boa Nova de Guarulhos; "Correio Fraterno do ABC", "A Nova Era".

Devemos registrar, ainda, informações escritas que nos chegam do ABC paulista e de Santos. Em ambas as regiões, os grupos integrados à Aliança reuniram-se na data (4 de dezembro) e promoveram vibrações coletivas em benefício do trabalho de divulgação do Espiritismo em seu aspecto religioso, que vem sendo desenvolvido pela Aliança.

"É de admirar como em tão pouco tempo uma Instituição se expandiu conseguindo reunir grande número de adesões e se tornar um movimento espiritual admirável. E isto, naturalmente, graças à tenacidade, à fé e o trabalho dos companheiros" (trecho da carta assinada por Natalino D'Olivo).

## MOCIDADES - O 13.º ENCONTRO

Em março próximo, dia 18, domingo, a Aliança Espírita Evangélica promoverá mais um Encontro de Mocidades. Como vem ocorrendo todos os semestres, os jovens dos diversos grupos integrados procuram encontrar-se para, juntos, participarem de um momento de confraternização mais amplo, que é o

objetivo central deste evento.

O local do Encontro será o "Clube Atlético Carrão", à Av. Cons. Carrão, 1900, na Zona Leste de São Paulo. Para saber os esquemas de transporte, pouso, recepção, o jovem pode entrar em contato com a "Comissão de Apoio às Mocidades", de acordo com a região abaixo:

Região	Responsáveis
SÃO PAULO	Carlos Henrique Belém (Entidade Espírita Irmã Tereza) R. Borges Lagoa, 819, casa 2, São Paulo — CEP 04038
ABC	Elisa Toneto de Carvalho (Grupo Fraternidade Cristã) R. Odon Carlos de Figueiredo Ferraz, 355, São Paulo — CEP 05121 ou Francisco (Centro Espírita Mansão da Esperança) Av. Rio Pequeno, 1235, São Paulo — CEP 05379
Interior de São Paulo	Ângela Cristina Donda (Grupo Espírita Razin) Av. Higienópolis, 938, ap. 161, São Paulo — CEP 01238
Litoral Paulista	Luís e Nivaldo (Centro Espírita Irmão Timóteo) R. Armando Sales de Oliveira, 53, São Vicente — CEP 11300
Vale do Paraíba	Paulo Amaral (C.E. Aprendizes do Evangelho — V. Manchester) R. Juca Mendes, 167, São Paulo — CEP 03428
Outros Estados e Exterior	Eduardo Miyashiro (C.E. Aprendizes do Evangelho — Genebra) R. Genebra, 168, São Paulo — CEP 01316

Sempre os Encontros são caracterizados pela alegria, pela troca de experiências (principalmente tratando das necessidades, dúvidas ou problemas das turmas) e pela participação intensa em todas as atividades programadas para o dia.

Para mantermos estas características, prevendo ainda uma ampliação do movimento, com a presença de mais jovens, de mais casas espíritas, estamos programando intensas atividades sobre o tema central, que será "O Jovem e a Família". Teremos a realização de uma palestra sobre o tema e diversos "trabalhos de improviso", no campo artístico, que possam expressar a contribuição de todos os presentes em torno do assunto, de importância e atualidade indiscutíveis.

Para o êxito deste encontro é importante, acima de tudo, a divulgação. Você, que está tomando conhecimento agora, através desta matéria, procure comentar

com os amigos, pesquisar em sua casa espírita se há um grupo de mocidade, ou se há outros jovens interessados em comparecer, participar e, quem sabe, até montar aquela turma de Mocidade que está faltando em seu Centro.

Do Encontro passado ainda guardamos vibrantes recordações, e percebemos muitos frutos surgindo, como colaboração ao progresso da Doutrina em nosso país. Auxilie-nos na expansão de tudo isso e divida conosco a vibração alegre de nossos corações!

### COMPANHEIROS DA ARGENTINA

O confrade Raul, de Loberia, comunica-nos o êxito de reunião de confraternização de todos os grupos integrados da Argentina, realizada no dia 6 de novembro no Centro Espírita Doncella de Orleans, na cidade de Miramar.

Estiveram presentes representantes da Union Espírita de Mar del Plata; Maria de Nazareth, de Tornquist; Amalia Soler, de Necochea; Amalia Soler, de Mar del Plata. Estiveram também presentes alguns visitantes de Mar del Plata de Baía Blanca.

No dia 8 de janeiro nova reunião de confraternização foi realizada, desta vez no CE Maria de Nazareth, de Tornquist.

### CURSO DE EVANGELIZAÇÃO

Até o dia 3 de março estão abertas as inscrições para o Curso de Evangelização de Infância, que será promovido pelo Grupo Espírita Renascer, na rua Pirituba, 1773, na Vila Mangalot, em São Paulo.

O curso, aberto a interessados de todos os grupos integrados, será realizado nos quatro sábados de março, dias 10, 17, 24 e 31. As inscrições podem ser feitas no próprio centro, às terças-feiras às 14h30 e às quartas, às 19h30.

### CÂMARA DE COMPENSAÇÃO DE LIVROS

Os grupos integrados à Aliança que aderiram ao programa de reedição de obras fundamentais (livros-texto) da Editora Aliança podem valer-se da "câmara de compensação" a cargo de nossa companheira Vera Arnaud, de Santo André.

O papel dessa câmara é o de fazer fluir mais rapidamente os estoques de livros. Por exemplo: se um dos grupos, por força do acordo de cooperação, receber um número maior de obras do que sua capacidade de venda a médio prazo, pode entrar em contato com a câmara e informar de quantos volumes dispõe. A câmara, por sua vez, procurará um outro grupo que lhe tenha solicitado maior quantidade de volumes, já que a quota recebida é insuficiente para atender à demanda.

Vera Arnaud pode ser contactada de manhã, pelo telefone (011) 446-1892.



### Não estacionar no bem, nem progredir no mal

- 1 — Aceitemos desafios nos caminhos, como quem se reconhece chamado a batalhar pela vitória do bem, com a obrigação permanente de extinguir o mal em nós mesmos.
- 2 — Devemos com todo fervor, abrir os olhos para a realidade, pois fazer o bem não requer muito esforço. Contudo, devemos nos olhar diariamente, a fim de que não caiamos nas garras do mal.
- 3 — O mal à medida em que formos incorporando o bem ao nosso ser, não teremos que nos esforçar para não praticá-lo, ele simplesmente desaparecerá, dará lugar ao bem que será espontâneo, instintivo e humilde.
- 4 — Compreendendo todos os atropelos que passamos na vida e procurando analisá-los através das orientações da evangelização, não estaremos progredindo no mal.

### O progresso se mede em milímetros

- 5 — Ainda nos faltam muitas qualidades a adquirir até chegarmos à perfeição e, sendo seres inferiores, a nossa capacidade de progresso é muito lenta e pequena, como se os passos fossem milimetrados.
- 6 — O progresso se mede em milímetros, pois ainda estamos enraizados e presos pelas coisas materiais e terrenas. Só quando nos desprendermos de tudo é que aceleraremos

nosso progresso espiritual e evolutivo.

- 7 — Os pequenos passos dados em doação à espiritualização são valiosos para quem caminha. Por menor que sejam os passos, sempre representarão um sinal de progresso.
- 8 — Nossa caminhada nesta vida é curta. Nascemos, crescemos e vamos adquirindo experiências e quanto maiores os nossos esforços, maior é a nossa oportunidade de progredir e melhorar.

### O opositor tem direitos iguais aos teus

- 9 — Ao percebermos que a palavra se torna "discutir", já devemos procurar agir com boas maneiras, pois no gesto de discutir, a serenidade se faz ausente.
- 10 — Quando um assunto está em discussão, seja de quem for a razão, devemos conservar a calma, porque em todo o problema, a serenidade é fundamental para o nosso entendimento.
- 11 — Se alimentarmos a serenidade, estaremos conquistando novos caminhos na seara do amor e assimilaremos melhor que os direitos dos que se nos opõem devem ser respeitados.
- 12 — Estamos bem poucos preparados a ouvir, já que nos achamos mais no direito de aconselhar do que sermos aconselhados.
- 13 — Se discutíssemos com serenidade e lembrássemos

sempre que o nosso opositor tem todos os direitos idênticos aos nossos, o assunto seria tratado em outro ângulo, e tudo, com certeza, se esclareceria com mais brandura e amor, fazendo assim, do nosso opositor mais um amigo.

### AS DORES SANGRAM O CORPO MAS ACENDEM LUZES NA ALMA

- 14 — O sofrimento parece mau, mas quando aprendemos que nos devolve a paz ao espírito, passamos a julgá-lo menos doloroso. Façamos como o Sol que se ergue cada novo dia, sem lembrar-se da noite que passou.

### COLABORADORES

- 1 — Carlos Alberto Fabrício
- 2 — Elcio
- 3 — Naéde Fátima Favoretto  
**CASA ESPÍRITA RAZIN**  
— Santo André
- 4 — Antonia Souza Santos  
**CASA DE TIMÓTEO** —  
São Bernardo do Campo
- 5 — Amélia Fussa Ferreira
- 6 — Maria da Luz
- 7 — Dirce Piffer Lasdri
- 8 — Etelvina Sincene Anile  
**C.E. REDENTOR** —  
Santo André
- 9 — Francisco Emílio dos Santos
- 10 — Janete Razera Nalini  
**C.E. RENAScer**
- 11 — Geni S. Barbosa
- 12 — Maria Auxiliadora C. V.  
de Carvalho
- 13 — Adirson Federighi  
**C.E. RENAScer**  
Vila Mangalot
- 14 — Maria Antonia Rodrigues  
**CEAE** — Genebra

# ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL - P3B E P3A

Para aclarar dúvidas sobre estas duas modalidades de passe, reuniu-se em S. Paulo um grupo de trabalhadores e a diretoria da Aliança. Após a exposição de dúvidas (aliás, todas respondidas segundo "Passes e Radiações"), decidiu-se divulgar o texto a seguir, que resume todos os esclarecimentos prestados na ocasião:

## P 3 B

1. Não enumerar os médiuns por ordem, para receber comunicação. É questão de afinidade. Plano Espiritual é que deve designar. Manter estreito relacionamento entre o dirigente encarnado e o plano espiritual.
2. Comunicação mediúnica no 3 B. Ver "Passes e Radiações" e "Vivência". A corrente de trabalhadores é acoplada a corrente no plano espiritual — o que dá uma poderosa força harmônica em favor do assistido. Se houver necessidade de comunicação verbal, o PE liberará para o médium apropriado. Fica claro que o 3 B não exige **sempre**, a comunicação verbal; esta passa a ser quase que exceção. Ver página 116 do "Passes e Radiações", 58 do Trabalhos Práticos de Espiritismo — 5.ª edição (Editora Aliança). Ver página 116 de "Mediunidade". Quando não há psicofonia, o dirigente encarnado coordena vibrações de amor em favor da entidade e do doente no centro da roda.

E quando há comunicação, qual o papel do dirigente? Deve dialogar com a entidade. "Doutrinar" é termo forte e não cabe neste caso. O dirigente não vai impor nada, nem acusar. Deve dialogar com doçura, despertando no atendido as forças positivas que estavam escondidas. O plano espiritual permite o diálogo (a comunicação) no caso de entidades que tenham condições de se conscientizar, que querem conscientizar-se, necessitando, contudo, do contato com o médium a fim de melhor ouvir o esclarecimento. Precisa dos órgãos sensoriais do médium. Não esquecer que "uma boa palavra auxilia sempre", ajuda a dissipar o ódio, os conflitos internos da entidade, etc.

Convém ler, reler e estudar o cap. VII de "Domínios da Mediunidade", intitulado "Socorro Espiritual". Está ali um exemplo de diálogo fraterno com entidade sofredora vulgarmente chamada obsessor.

As vezes o PE permite a comunicação de espíritos com formas animalizadas. E porque precisam do contato com o médium, com o organismo do médium, para sentirem novamente a forma humana. O espírito como que "veste" a roupagem física do médium para começar a se requelebrar.

No 3 B o assistido encarnado permanece presente no meio da roda durante todo o trabalho a ele referente. Pode ouvir a comunicação (quando esta existir) sem problema algum. Desde que o diálogo se faça dentro das normas cristãs, sem gritos, imposições, gestos espalhafatosos, acusações etc. O médium mesmo inconsciente — deve se conscientizar de que ele é responsável pela comunicação e, dessa forma, pôde conter a entidade, além do trabalho disciplinar do próprio dirigente encarnado.

3. No 3 B podem ser utilizadas cores para harmonização do assistido. Apenas cores claras — rosa-claro, azul-claro. O trabalhador do 3 B não pre-

cisa ter conhecimentos de cromoterapia.

4. Não deve o dirigente forçar a comunicação neste ou naquele médium, através de passes. O passe no trabalhador deve ser uma exceção, necessário apenas quando um médium em comunicação entra em dificuldade. Aí é justo aplicar passes sobre o bulbo e o plexo laríngeo.
5. O dirigente pode ou não participar da roda de trabalhadores. Se participar da roda, permanecerá sentado durante todo o tempo, mesmo quando for necessário o diálogo com a entidade espiritual. Isto tudo depende do número de trabalhadores, que, na roda de 3 B, deve ser no mínimo de 5 pessoas.
6. Deve o dirigente ter em mãos sempre um caderno de anotações, para lançamentos que colher semanalmente fazendo breve entrevista com o assistido. Assim, o tratamento recebe um acompanhamento mais de perto e permite orientação mais segura para o assistido. Desse forma, fica claro que o assistido de 3 B deve semanalmente ser entrevistado pelo dirigente do 3 B, antes dele ingressar na roda de tratamento.
7. Não misturar tratamentos de ordem espiritual com os de ordem material. Não aplicar o 3 B num dia e o 3 A no dia seguinte, por exemplo. O tratamento de ordem espiritual tem precedência. Aplicar sempre a série completa, para, a seguir, saber se é preciso um reforço de ordem material.

## P 3 A

1. Todas as dúvidas podem, também, ser aclaradas em "Passes e Radiações" e Cromoterapia. O risco é a adoção de "invenções" por parte de dirigentes e trabalhadores: medicação, massagens etc. Alguns centros apelam para posições diversas do assistido: deitado, ajoelhado etc.

(continua na página 5)

**O T R E V O**  
 N.º 120 - FEVEREIRO/84  
 REDAÇÃO  
 Rua Genebra, 168  
 Fone: (011) 239-3474  
 São Paulo

Diretor-geral da Aliança  
 Espírita Evangélica:  
**JACQUES A. GONÇON**

Jornalista Responsável:  
**VALENTIM LORENZETTI**